

**Retórica e Poética em *Descrição da Ilha de Itaparica* de Manuel de Santa Maria
Itaparica (Séc. XVIII)**

Luciana Gama¹

“Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o Sertão? Para cá, para cá; para a Cidade é, que haveis de olhar.” (Antonio Vieira, Sermão de Santo António aos Peixes, 1684)

O poema “Descrição da Ilha de Itaparica” de Manuel de Santa Maria Itaparica², absorve preceitos retóricos e poéticos que são válidos como regra geral para a descrição ou narração de cidades ainda vigentes no século XVIII português bem como para a América Portuguesa.

Nesse sentido, abordaremos aqui regras retóricas e poéticas sobre a matéria nos séculos XVII e XVIII, que por sua vez são fundamentais para uma leitura atenta e cuidadosa dos textos desses séculos como se todos eles tivessem uma única causa final, isto é, persuadir o ouvinte/leitor pela argumentação para incitar a imitação de ações edificantes e exemplares ou dissuadi-los das ações vis e vituperantes, através também do exemplo. Tratados históricos e poemas perfazem o gênero epidítico que trata do elogio ou da censura.

A importância da retórica como mediadora do discurso produzido na América Portuguesa faz-se necessária, porque, podemos considerar as práticas de representação luso-brasileiras dos séculos XVII e XVIII, como explica João Adolfo Hansen³,

em sua intersecção com a ‘racionalidade de Corte’ das conceituações hoje clássicas de Norbert Elias e suas apropriações recentes por historiadores dos Annales, como Roger Chartier, ou por outros estudiosos do século XVII, como André Robinet, Jean-François Courtine, Lê Roy Laduriê, Matias de Albuquerque, Sergio Bertelli, Solnon, Muchembled, Alcir Pécora etc.”

¹ Luciana Gama é professora Assistente de Literatura Brasileira na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB. Mestre em Teoria e História Literária IEL-UNICAMP. Doutoranda em Língua, Literatura e Cultura Judaicas na FFLCH-USP. E-mail: lucianagama@uesb.br

² Todas as citações do poema são provenientes de: USP. Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro Disponível em: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>. Acesso em: 26/08/2006.

³ HANSEN, João Adolfo. Práticas de Representação dos Séculos XVII e XVIII. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. FFLCH-USP. [sd] Programa do Curso de Pós Graduação.

Nesse sentido, reconstituir os padrões retórico-poéticos que regem as práticas discursivas nos séculos XVII e XVIII

nas preceptivas retórico-poéticas, na prosa, na poesia, nos livros de aconselhamento de Príncipe, nos tratados ético-‘pedagógicos’, nos livros de emblemas e empresas da época é possível levantar, além da codificação das representações como gênero e estilo, também a codificação que teatraliza o corpo político do Estado como sistema de diferenças e oposições hierárquicas entre representações como gêneros e estilos, também a codificação que teatraliza o corpo político do Estado como sistema de diferenças e oposições hierárquicas entre representações adequadas à grande variedade de tópicos, situações e comportamento.⁴”

De um modo geral a preceptiva aponta que toda e qualquer descrição nunca é pura e está sempre complementando um esquema argumentativo, segundo os moldes das *Instituições Oratórias* de Quintiliano: a descrição possui lugar importante, nomeadamente, *ekphrasis* ou *evidentia* ou *enargeia* e faz parte dos ornatos da oração, pois sua função principal é

“pintar os objetos com tal viveza que parece estar-se vendo. Pois um discurso, que não passa do ouvido, e que narra simplesmente as cousas, de que o Juiz toma conhecimento, não faz tanta impressão, nem se apodera plenamente dos corações, como o que pinta os objetos e os põe presentes aos olhos do espirito”.⁵

Vale a lição para compreendermos as particularidades retórica de uma descrição. Ela possui suas espécies como, por exemplo, a *cronografia*, ou descrição do tempo; a *prosografia*, ou descrição da figura de um homem; a *etopéia*, ou descrição do caráter moral do homem; a *autopografia*, ou retrato, e descrição da figura exterior e caráter interior do homem; a *hipotiposi*, descrição de qualquer ação ou objeto, e por fim, e de nosso interesse, a *topografia*, ou seja, a descrição de um lugar.

Escrever é pintar, fórmula amplamente internalizada que vigora a partir dos versos 180-182 da *Poética* de Horácio que ordena que “as coisas que entram pelo ouvido impressionam os ânimos mais debilmente que as oferecidas ao fiel testemunho dos olhos e que o espectador percebe diretamente”, explica Antonio Possevino. Nesse sentido, informa Hansen,

⁴ Idem. Ibidem.

⁵ BARBOZA, Jerônimo Soares. *Instituições Oratórias de M. Fábio Quintiliano*, Escolhidas dos seus XII Livros, Traduzidas em linguagem e ilustradas com notas Críticas, Históricas e Retóricas, para Uso dos que Aprendem. Tomo Segundo. Paris, Na Livraria Portuguesa de J.P. Aillaud, 1836. p.106

Horácio valoriza a visão em detrimento da audição e, confirmando-o, Possevino propõe que a poesia, arte da imitação como a pintura, é imagem. Assim como o pincel imita os *topoi* narrativos das efrases de autoridades, também a pena deve imitar o pincel, produzindo metáforas visualizantes de efeitos maravilhosos, adequados simultaneamente à utilidade e ao prazer.⁶

Ou mais precisamente, salienta ainda Jerônimo Soares Barbosa, tradutor de Quintiliano em Portugal que “*as pinturas, quer se fação com as palavras, quer com o pincel, he o mesmo.*”⁷

Temos que distinguir a *energeia* que pinta com as palavras a imagem do objeto em um só quadro daquela que mais nos interessa, chamada descrição, composta de muitos quadros diferentes, dizendo as coisas em separado porém composta com quadro sucessivos, uma pintura individual. Sobre essa questão, explica Hansen que “Os enunciados descritivo-narrativos referem a terra, seus habitantes e eventos, segundo a técnica da *evidentia* e da *enargéia* retóricas, compondo retratos, cenas, quadros justapostos e ações encadeadas segundo a linearidade de “começo-meio-fim”.”⁸

No caso da descrição da Ilha de Itaparica temos essa ordem dos quadros perfeitamente ajustada às convenções letradas da época: seja na forma, lírica e oriunda da preceptiva poética do XVIII, seja no conteúdo, vinculado aos lugares comuns da historiografia do século XVII.

Conforme salienta Ernst Curtius a descrição da natureza é uma das ocasiões retóricas importantes para esclarecer as partes do sistema retórico em que podem ocorrer preceitos para a descrição de paisagens, comportando assim, a teoria dos argumentos retóricos do discurso epidítico: “o tema principal desse gênero de discursos é o elogio. E entre as coisas a serem louvadas incluem-se as localidades.”⁹

A descrição da ilha, ou seja, sua topografia é composta de quadros que designam em seu conjunto o estilo do verso lírico: florido, culto, sonoro, alegre, engenhosos, doce e

⁶ HANSEN, João Adolfo. “Ut pictura poesis e verossimilhança na doutrina do conceito no século XVII.” In: VV. AA. *Para Segismundo Spina*. São Paulo: Iluminuras, Fapesp, Edusp, 1995.p 204-205

⁷ BARBOZA, Jerônimo Soares. *Instituições Oratórias de M. Fábio Quintiliano*, Escolhidas dos seus XII Livros, Traduzidas em linguagem e ilustradas com notas Críticas, Históricas e Retóricas, para Uso dos que Aprendem. Tomo Segundo. Paris, Na Livraria Portuguesa de J.P. Aillaud, 1836. p.106-107

⁸ HANSEN, João Adolfo. O Nu e a Luz: Cartas Jesuíticas do Brasil (Nóbréga 1549-1558). Manuscrito datilografado. [sd]

⁹ CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. São Paulo: Edusp. 1996.p.252

ameno. Por isso condiz ao estilo lírico a descrição de fauna local amena como, por exemplo, exóticas criaturas das águas:

Aqui se acha o marisco saboroso,
Em grande cópia e de casta vária,
Que para saciar ao apetitoso,
Não se duvida é coisa necessária:
Também se cria o lagostim gostoso,
Junto co'a ostra, que por ordinária
Não é muito estimada, porém antes
Em tudo cede aos polvos radiantes.

Os camarões não fiquem esquecidos,
Que tendo crus a cor pouco vistosa,
Logo vestem depois que são cozidos
A cor do nácar, ou da Tíria rosa:
Os c'ranguejos nos mangues escondidos
Se mariscam sem arte industriosa,
Búzios também se vêem, de musgos sujos,
Cernambis, mexilhões e caramujos.¹⁰

A descrição de rios ou fontes e montes:

Claras as águas são e transparentes,
Que de si manam copiosas fontes,
Umam regam os vales adjacentes,
Outras descendo vêm dos altos montes;
E quando com seus raios refulgentes,
As doura Febo abrindo os Horizontes,
Tão cristalinas são, que aqui difusa
Parece nasce a fonte da Aretusa.¹¹

Amenos campos, amenas flores:

Aqui o campo florido se semeia
De brancas açucenas e boninas,
Ali no prado a rosa mais franqueia
Olorizando as horas matutinas:
E quando Clóris mais se galanteia,
Dando da face exalações divinas,
Dos ramos no regaço vai colhendo
O Clavel e o jasmim, que está pendendo.¹²

¹⁰ Estrofes XIV e XV

¹¹ Estrofe XLIV

¹² Estrofe XLVI

A Ilha de Itaparica, nesse sentido, apresenta campo fértil para uma das tópicas mais utilizadas na lírica, isto é, o *locus amoenus*, topos de descrição de paisagens como um lugar agradável e belo conforme já divulgado por Ernest Curtius.¹³, abundante em flores e frutos:

Aqui o campo florido se semeia
De brancas açucenas e boninas,
Ali no prado a rosa mais franqueia
Olorizando as horas matutinas:
E quando Clóris mais se galanteia,
Dando da face exalações divinas,
Dos ramos no regaço vai colhendo
O Clavel e o jasmim, que está pendendo.¹⁴

As frutas se produzem copiosas,
De várias castas e de várias cores,
Umam se estimam muito por cheirosas,
Outras levam vantagem nos sabores:
São tão belas, tão lindas e formosas,
Que estão causando à vista mil amores,
E se nos prados Flora mais blasona,
São os pomares glória de Pomona.¹⁵

A argumentação sobre os bons frutos da ilha ganha peso e textura a partir da sua farta enumeração e nomes da estrofe XLVIII até a estrofe LVII. São descritos com detalhes e por onze estrofes consecutivas as uvas, o coqueiro, a bananeira, o limão, a laranja, os melões, os figos, o ananás, a jaca, a manga, o caju e o araçá, além de outros legumes e tubérculos como a mandioca, o inhame, o cara, a batata, o milho, e o arroz. Vejamos um exemplo:

Inumeráveis são os cajus belos,
Que estão dando prazer por rubicundos,
Na cor também há muitos amarelos,
E uns e outros ao gosto são jucundos;
E só bastava para apeteçê-los
Serem além de doces tão fecundos,
Que em si têm a Brasílica castanha
Mais saborosa que a que cria Espanha.¹⁶

¹³ CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. São Paulo: Edusp. 1996. pp.254-258

¹⁴ Estrofe XLVI

¹⁵ Estrofe XLVII

Os arcaças diversos e silvestres,
 Uns são pequenos, outros são maiores:
 Oitis, cajás, pitangas, por agrestes,
 Estimadas não são dos moradores:
 Aos mar'cujás chamar quero celestes,
 Porque contêm no gosto tais primores,
 Que se os Antigos na Ásia os encontraram,
 Que era o néctar de Jove imaginaram.¹⁷

Como salienta Candido Lusitano em sua *Arte Poética* “na poesia lírica é muito própria a descrição de tudo o mais que costuma alegrar o ânimo.”¹⁸.

Cidades são objetos de louvor sendo que está espécie de encômio faz parte do louvor das coisas inanimadas. Melhor explicando: segundo os preceitos retóricos louvam-se os homens mas também é possível louvar certas cidades porque sua boa situação e fortificação podem ser matéria de elogio:

Em um extremo desta mesma Terra
 Está um forte soberbo fabricado,
 Cujá bombardá, ou máquina de guerra,
 Abala a Ilha de um e outro lado:
 Tão grande fortaleza em si encerra
 De artilharia e esforço tão sobrado,
 Que retumbando o bronze furibundo
 Faz ameaça á terra, ao mar, ao Mundo.¹⁹

Sendo também matéria de elogio seus edifícios e obras públicas bem com quando se faz o elogio de uma região deve-se atentar para duas coisas: sua formosura e utilidade. Pela primeira, explica Quintiliano, *poderemos louvar os sítios marítimos, planos, e amenos; pela segunda, os saudáveis e férteis.*²⁰ Nesse sentido, pode-se fazer elogio também das regiões e o exemplo clássico é o da ilha da Sicília feito por Cícero.

¹⁶ Estrofe LVI

¹⁷ Estrofe LVII.

¹⁸ FREIRE, Francisco Joseph. [Candido Lusitano] *Arte Poetica ou Regras da Verdadeira Poesia em geral, e de todas as suas especies principaes, tratadas com juizo critico*. Lisboa: na offic. Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, MDCCLIX. Livro III. P.261.

¹⁹ Estrofe XLII

²⁰ FREIRE, Francisco Joseph. [Candido Lusitano] *Arte Poetica ou Regras da Verdadeira Poesia em geral, e de todas as suas especies principaes, tratadas com juizo critico*. Lisboa: na offic. Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, MDCCLIX. Livro III. P.96

É interessante notar como na descrição da planta da cidade de Itaparica se desenha sua geografia como se suas igrejas e capelas fossem produtos de uma natureza divina edificada pela arquitetura católica:

Tem duas Freguesias muito extensas,
Das quais uma Matriz mais soberana
Se dedica ao Redentor, que a expensas
De seu Sangue remiu a prole humana;
E ainda que do tempo sinta ofensas
A devoção com ela não se engana,
Porque tem uma Imagem milagrosa
Da Santa Vera-Cruz para ditosa.²¹

A Santo Amaro a outra se dedica,
A quem venerações o povo rende,
Sendo tão grande a Ilha Itaparica,
Que a uma só Paróquia não se estende:
Mas com estas Igrejas só não fica,
Porque Capelas muitas compreende,
E nisto mostram seus habitantes
Como dos Santos são veneradores.²²

Dedica-se a primeira àquele Santo
Mártir, que em vivas chamas foi aflito,
E ao Tirano causou terror e espanto,
Quando por Cristo foi assado e frito.
Também não fique fora de meu canto
Uma, que se consagra a João bendito,
E outra (correndo a Costa para baixo)
Que à Senhora se dá do Bom Despacho.²³

Outra a Antônio Santo e glorioso
Tem por seu Padroeiro e Advogado,
Está fundada num sítio delicioso,
Quer por esta Capela é mais amado.
Em um terreno alegre e gracioso
Outra se fabricou de muito agrado.
Das Mercês à Senhora verdadeira
É desta Capelinha a Padroeira.²⁴

Também outra se vê, que é dedicada
À Senhora da penha milagrosa,

²¹ Estrofe LX

²² Estrofe LXI

²³ Estrofe LXII

²⁴ Estrofe LXIII

A qual airosamente situada
 Está numa planície especiosa.
 Uma também de São José chamada
 Há nesta Ilha, por certo gloriosa,
 Junta com outra de João, que sendo
 Duas, se vai de todo engrandecendo.²⁵

Um dos pontos mais fortes da descrição da Ilha de Itaparica é a da pesca da baleia pintada no poema em vinte e seis estrofes (XVI a XLI). Nem um pouco amena, a descrição interessa sobretudo por estar vinculada na preceptiva da retórica do Sublime de Longino²⁶, inserindo-se assim nos preceitos da lírica, o que explica a descrição-narração da patética pescaria da baleia na doce e amena descrição da Ilha de Itaparica:

“Não há dúvidas de que a técnica estava em uso no Setecentos português. Em um poeta como Bocage- como demonstra Alcir Pécora- a técnica era parte da estratégia retórica para produzir cenas ‘que concentravam poder, força e energia e fazem incidir sobre seus espectadores uma ameaça potencial’.”²⁷

Quando nos referimos ao termo patético estamos nos referindo aos afetos e efeitos que diferem dos meios éticos de persuadir. Ou seja, ao invés de belos e calmos, os meios patéticos são representações de coisas ou ações graves, grandes e violentas para mover ou o medo, ou a ira, ou a compaixão, de maneira que são pintadas vivamente, isto é, *evidentia*, *enargéia*, conforme aa preceptiva aristotélica, a de Quintiliano e a de Horácio.

Vejamos alguns exemplos da Retórica do Sublime:

Corre o monstro com tal ferocidade,
 Que vai partindo o úmido Elemento,
 E lá do pego na concavidade
 Parece mostrar Tétis sentimento:
 Leva a lancha com tal velocidade,

²⁵ Estrofe LXIV

²⁶ LONGINO (pseudo-). *Tratado do sublime*. Lisboa: Regia off. Typographica, 1771.

²⁷ GAMA, Luciana. A Retórica do Sublime no Caramuru: Poema épico do Descobrimento da Bahia.São Paulo: Revista USP- Dossiê Brasil Colônia- n57. 2003. p.122

E com tão apressado movimento,
Que cá de longe apenas aparece,
Sem que em alguma parte se escondesse.²⁸

Ou:

De golpe sai de sangue uma espadana,
Que vai tingindo o Oceano ambiente,
Com o qual se quebranta a fúria insana
Daquele horrível peixe, ou besta ingente;
E sem que pela plaga Americana
Passado tenha de Israel a gente,
A experiência e vista certifica
Que é o mar vermelho o mar de Itaparica.²⁹

É nessa descrição , em meio ao poema, que consiste o que na preceptiva poética se nomeia *amplificação*, uma das três partes do seu artifício principal e que segundo as regras da poética neoclássica: “consiste em engrandecer a cousa com aquelle artificio, que ensina a Rhetorica, de modo que fique sendo engenhosa, florida, e sublime” podendo caber nele uma digressão ou episódio que “faz o Poeta de seu principal assunto para alguma cousa, que a ele seja própria, como v.g o louvor de alguma virtude, repreensão de um vício, alguma sentença, epiphonema, descrição, ou narração de alguma coisa.”, conforme nos ensina Candido Lusitano.³⁰

No entanto, o que também concorre para a grandeza e gravidade dessa descrição da pesca da baleia é que nela está incluso a pintura dos pescadores que materializam em sua ação um episódio sublime porque patético. Patética é não só a baleia mas os pescadores que a acompanham, negros e mestiços, escravos aproveitados na alegoria do mar vermelho ser o do sangue da baleia e não os dos israelitas que se libertam dos egipcios: lugar comum retirado do Antigo Testamento para metaforizar também na estrofe a política católica da América Portuguesa que nada tem do passado hebreu.

Os termos para os pescadores como “Nautas Etiopes e outros mais de sangue misturado”, “alguns mestiços em a cor adustos”, “pequeno bicho” e “feios etíopes e imundos” para designar os trabalhadores que armazenam o óleo da baleia, concorrem não

²⁸ Estrofe XXVI

²⁹ Estrofe XXIX

³⁰ FREIRE, Francisco Joseph. [Candido Lusitano] *Arte Poetica ou Regras da Verdaeira Poesia em geral, e de todas as suas especies principaes, tratadas com juizo critico*. Lisboa: na offic. Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, MDCCLIX. Livro III. P.260-261.

só para o patético da descrição mas também para uma definição política do “povo” no Setecentos baiano, ou seja, não cortesão, não fidalgo:

Os Nautas são Etíopes robustos,
E outros mais do sangue misturado,
Alguns Mestiços em a cor adustos,
Cada qual pelo esforço assinalado:³¹

E

Assim partem intrépidos sulcando
Os palácios da linda Panopéia,
Com cuidado solícito vigiando
Onde ressurge a sólida Baleia.
Ó gente, que furor tão execrando
A um perigo tal se sentencia?
Como, pequeno bicho, és atrevido
Contra o monstro do mar mais destemido?³²

Os pescadores não pertencem a uma categoria intelectual de discretos. Pelo que não é sabemos o que é já que a argumentação é implícita. “Nas práticas de representação”, assevera Hansen, “a discrição é, por isso, uma categoria intelectual que classifica e especifica a distinção e a superioridade de ações e palavras, aparecendo figurada no *discreto*, que é um tipo ou uma personagem do processo de interlocução.”³³

Os pescadores, escravos negros, formam uma multidão estúpida na pesca da baleia que se desenha pela convulsão e confusão da língua que não se percebe e se transforma em “algazarra”, “gritaria”, juntamente com o barulho dos instrumentos que dividem a carne da baleia. A plebe possui armas mas não possui letras. A descrição merece ser citada na íntegra já que no seu clímax poético e alegórico o mecanismo que levanta a baleia é comparado a Torre de Babel:

Assim dispostos uns, que África cria,
Dos membros nus, o couro denegrado,
Os quais queimou Faeton, quando descia
Do terrífico raio submergido,

³¹ Estrofe XX

³² Estrofe XXI

³³ HANSEN, João Adolfo. “O Discreto” In: *Libertinos e Libertários*. São Paulo: Minc-Funarte/Companhia das Letras, 1996. p. 83.

Com algazarra muita e gritaria,
Fazendo os instrumentos grão ruído,
Uns aos outros em ordem vão seguindo,
E os adiposos lombos dividindo.

O povo que se ajunta é infinito,
E ali têm muitos sua dignidade,
Os outros vêm do Comarcão distrito,
E despovoam parte da Cidade:
Retumba o ar com o contínuo grito,
Soa das penhas a concavidade,
E entre eles todos tal furor se acende,
Que às vezes um ao outro não se entende.

Qual em Babel o povo, que atrevido
Tentou subir ao Olimpo transparente,
Cujo idioma próprio pervertido
Foi uma confusão balbuciante,
Tal nesta torre, ou monstro desmedido,
Levanta as vozes a confusa gente,
Que seguindo cad'um diverso dogma
Falar parece então noutra idioma.

Desta maneira o peixe se reparte
Por toda aquela cobiçosa gente,
Cabendo a cada qual aquela parte,
Que lhe foi consignada do regente:
As banhas todas se depõem à parte,
Que juntas formam um acervo ingente,
Das quais se faz azeite em grande cópia,
Do que esta Terra não padece inófia.

Em vasos de metal largos e fundos
O estão com fortes chamas derretendo
De uns pedaços pequenos e fecundos,
Que o fluido licor vão escorrendo:
São uns feios Etíopes e imundos,
Os que estão este ofício vil fazendo,
Cujos membros de azeite andam untados,
Daquelas cirandagens salpicados.

Este peixe, este monstro agigantado
Por ser tão grande tem valia tanta,
Que o valor a que chega costumado
Até quase mil áureos se levanta.
Quem de ouvir tanto não sai admirado?
Quem de um peixe tão grande não se espanta?
Mas enquanto o Leitor fica pasmando,
Eu vou diversas cousas relatando.³⁴

³⁴ Estrofes XXXVI a XLI

A junção do povo simultânea às exéquias da baleia nos leva a uma outra consideração essencial para a compreensão da descrição no poema. Trata-se da sua emulação a partir da descrição da Rocha Pita, fonte histórica e autoridade no século XVII, em a *História da América Portuguesa*. Vejamos com atenção a descrição de Rocha Pita, percebendo nela elementos políticos que regem o decoro da descrição poética da cobiça dos escravos- pescadores já que é da carne da baleia que se sustentam e também a causa da sua pormenorizada descrição só fazer sentido na disposição do Livro Primeiro como também do poema de Itaparica porque a sua pesca é notoriamente importante para a política econômica da Bahia, cabeça do Estado:

72. A pescaria das baleias, que em número inferior também se faz na província do Rio de Janeiro, é portentosa na Bahia. Correm desde Junho até Outubro, começando por Santo António, e acabando por Santa Teresa. È a baleia estupendo parto das ondas, útil monstro do mar; têm as verdadeiras setenta palmos de comprimento, vinte e seis de largura e dezoito de alto; sendo peixe, todo o seu corpo é toucinho e carne; todas as suas espinhas são ossos; cobre-a uma branda pele entre parda e negra, semeada em partes de miúdos búzios, que vivem do que lhe chupam; em poucas se vêem algumas manchas brancas; não mostra termo ou sinal que lhe difere a cabeça, mais que para o fim uma pequena diminuição, que faz à proporção do corpo; na parte inferior lhe ficam os medonhos olhos, entre os quais tem por nariz um largo canal, que lhe sai acima da cerviz, por onde expulsa com elevada respiração as grossas ondas que sorve ao mar mais tempestuoso. A boca é uma sensitiva gruta, em que acomoda a disforme e pesada língua, que tem comprimento doze palmos, seis de grossura, e destila uma pipa de azeite: dezesseis a baleia toda.; na tem dentes, porém em cada um dos queixos traz um feixe de quarenta e mais barbatanas, compridas dezesseis palmos, negras, e de uns nervos incorruptíveis e mais rijos que a madeira, flexíveis, mas sem quebrarem.

73. Do lugar dos ombros lhe saem por braços umas chamadas alas, que lhe acompanham os lados por espaço de vinte palmos, de carne nervosa, como a cauda, que traz sempre inclinada para uma parte; esta e as alas levanta, batendo os mares com estrondo formidável e perigo evidente de qualquer embarcação em que descarregar aqueles terríveis golpes. Do lugar do espinhaço se lhe levanta uma porção de carne curva, que em forma de arco lhe ocupa doze palmos o costado. Importa à fazenda real o seu contrato, de seis em seis anos, termo da sua arrematação, cento e oitenta mil cruzados; e no ano de mil setecentos e vinte e três chegou a duzentos e cinco mil: vinte

mil se gastam na sua pescaria a cada ano. A fabrica de casas, armazéns, tanques, formas para recolher azeite, tachos para cozer, e outros instrumentos, assim de sua majestade como dos contratadores, vale mais de quarenta mil cruzados.

74. O amor, que este monstro tem aos filhos, é também monstruoso, por eles se deixam matar, pois segurando-os a este fim primeiro os arpoadores, os seguem elas até à última respiração dos seus alentos. A buscá-las por toda a enseada da Bahia (aonde naquele tempo vêm de mais longe a parir) saem todos os dias seis lanchas, quatro de arpoação e duas de socorro, e metendo os arpões nos filhos, para as segurarem, lhos lançam depois, e logo alanceando-as com uns compridos dardos, lhe destilam a vida pelo sangue, conduzindo-as para a ponta de Itaparica, onde se beneficiam e estão as fábricas; acontecendo quando o ano é propicio a este contrato, pescarem-se a três e quatro por dia.

75. O consumo de que este gênero têm, de que resulta a ganância que dá, é porque as baleia se fazem carnes, de que os escravos se sustentam: os moradores que possuem muitos, assim nas casas como nas lavouras, as mandam beneficiar em pipas e barris, que lhes duram de uma a outra safra, e delas consta a matalotagem da gente marítima que serve nas embarcações que vão para a costa da África e para outros portos; e também porque da imensa inundação de azeite que se tira deste peixe, se alumiam todas as casas, fábricas e oficinas do Brasil, exceto as estâncias particulares de algumas pessoas mais poderosas, em que arde o de Portugal.(...)³⁵

A questão que também se torna pertinente é a causa da descrição no poema, cuja fonte histórica lemos um trecho acima, é a de não ser a de um poeta “esperto” mas a de um “historiador em tudo certo”, apontada na última estrofe da *Descrição da Ilha de Itaparica*:

Até aqui, Musa; não me é permitido
Que passe mais avante a veloz pena,
A minha Pátria tenho definido
Com esta descrição breve e pequena;
E se o tê-la tão pouco engrandecido
Não me louva, mas antes me condena,
Não usei termos de Poeta esperto,
Fui historiador em tudo certo.³⁶

³⁵ PITA, Rocha. História da América Portuguesa. São Paulo: Edusp, 1976.p.34-35

³⁶ Estrofe LXXV

Em termos neoclássicos há a crítica da engenhosidade gongórica do século XVII, rebuscada, e faz parte do estilo neoclássico ser claro, além de buscar a verdade da matéria na imitação do particular, icástica, que pertence aos historiadores e é imitação do particular, do verossímel que foi e é apoiado na autoridade dos historiadores.

A matéria da *Descrição da Ilha de Itaparica* remonta Rocha Pita e sua *História da América Portuguesa*, como dissemos quando da descrição da pesca da baleia. Vejamos agora como a descrição historiográfica do século XVII permite também as tópicas de descrição de uma cidade apontados no início desse artigo, isto é, por seu *locus amoenus*, ou, como salienta o retor Gregório Mayans e Siscar:

La descripción de las *ciudades* se hace por su fundador, antigüedad, situación en lugar saludable, seguro, ameno, abundante de frutos, de pesca, de caza i de ganado; por sus campiñas, ríos, collados i montes; por su abasto. Se representan sus fábricas, privadas i públicas, casas acomodadas para la vivienda i trato, templos magníficos i bien assistidos, alcázares, muros, baluartes, fossos, aquíeductos, fuentes, pozos, calles i plazas espaciosas, puentes, puerto; habitadores, muchos i diversos ejercicios, aplicados a la abundancia, al trabajo, a la sociedad civil, tranquilidad pública.³⁷

Preceptiva que acompanha obrigatoriamente Rocha Pita na sua descrição da Ilha de Itaparica:

71. Está situada a ilha de Itaparica fronteira à cidade da Bahia para o poente, em distância de três léguas, que tem de largura a sua enseada; estende-se em forma prolongada com sete de comprimento, três de largura e dezoito de circuito; faz duas pontas, uma para a barra de Santo António e outra para o rio Paraguaçu, que por ali vai correndo ao mar; esta é a que chamam das Baleias, por estar nela a fábrica daquela pescaria e ser o porto para onde as levam depois de arpoadas para se beneficiarem. É toda fértil, tem alegres vistas, saudáveis ares, formosos arvoredos, me maior número os dos coqueiros, que de longe formam o mesmo objeto que as oliveiras; abunda de excelentes águas, de todo o gênero de plantas, frutas e sementeiras; colhem-se nas suas ribeiras saborosos pescados e mariscos. Tem duas magníficas igrejas paroquiais, outros formosos templos e boas capelas particulares; teve alguns engenhos, que já não existem, mas permanecem outras fazendas de grande rendimento e muitas casas de suntuosa arquitetura.

72. Os moradores da cidade atravessando o golfo em curiosas embarcações, vão a ela não só na monção das baleias, a verem sua pescaria, mas a lograrem a amenidade daquele país, tão

³⁷ MAYANS e Siscar, Gregório. “Rhetórica de Don Gregorio Mayans”, In: *Obras Completas*. Oliva: Ayuntamiento, 1984. Livro I, Cap.21, parágrafo 29.

habitado e assistido de gente inumerável, que não havendo na ilha fundações de vilas, é toda ela uma povoação continuada, sem ter porção alguma menos culta ou mais ásperas. Nas suas praias se acha âmbara-gris em sumo grau perfeito, e dele tem ido muito a Portugal e se gasta não pouco na Bahia. O primeiro conde da Castanheira D. Antonio de Ataíde a pediu ao governador Tomé de Souza em sesmaria, com outra ilha pequena que lhe fica próxima para a parte sudoeste, na boca do rio Jaguaripe, e lhas confirmou el-rei D. João III com título de capitania; o conde e seus sucessores a dividiram em várias datas por muitos colonos, que pagam competentes foros; hoje existe nos marqueses de Cascais como herdeiros daquela ilustríssimas casa.³⁸

Por fim apenas para juste da disposição argumentativa, na proposição temos a matéria que irá ser tratada, o assunto:

Cantar procuro, descrever intento,
Em um Heróico verso e sonoro,
Aquela que me deu o nascimento,
Pátria feliz, que tive por ditoso:
Ao menos co'este humilde rendimento
Quero mostrar lhe sou afetuoso,
Porque é de ânimo vil e fementido
O que à Pátria não é agradecido.³⁹

Diz-se, e não sem razão, que o entendimento de uma proposição faz com que saibamos todo a narração que virá pela frente. É exatamente o exórdio, o lugar onde se capta a benevolência do leitor com a notícia do que irá ocorrer: “o fim dele não he outro, senão dispor o ouvinte para nos ser mais favorável nas outras partes do discurso”⁴⁰.

Para atrair a benevolência do leitor tiramos os motivos ou das pessoas ou das causas ou das circunstâncias das pessoas ou das causas, sendo que regiões e cidades são consideradas nesse grupo de lugares comuns para os exórdios, conforme podemos observar nas *Instituições Oratórias* de Quintiliano.⁴¹

Convém notarmos que o termo “pátria” aqui utilizado não significa nenhum tipo de “brasilidade” ou pré romantismo como o que sugere a inserção desse poema na Literatura

³⁸ PITA, Rocha. História da América Portuguesa. São Paulo: Edusp, 1976.p.148-149

³⁹ Estrofe I

⁴⁰ BARBOZA, Jeronymo Soares. Instituições Oratórias de M. Fábio Quintiliano, Escolhidas dos seus XII Livros, Traduzidas em linguagem e ilustrada com notas críticas, Históricas e Retóricas, para uso dos que aprendem. Coimbra: Na Imprensa Real da Universidade. MDCCLXXXVIII.1788. p.230

⁴¹ BARBOZA, Jeronymo Soares. *Instituições Oratórias de M. Fábio Quintiliano, Escolhidas dos seus XII Livros, Traduzidas em linguagem e ilustrada com notas críticas, Históricas e Retóricas, para uso dos que aprendem.* Coimbra: Na Imprensa Real da Universidade. MDCCLXXXVIII.1788. p.240.

Brasileira do século XIX com vistas a cor local e a nacionalidade. O termo designa “lugar de nascimento”, “lugar onde se nasce”, ou melhor, confere com Bluteau: “A terra, villa, Cidade, ou região em que se nasceu. Ama cada um a sua pátria, como origem do seu ser e centro do seu descanso...”⁴².

⁴² BLUTEAU, Rafael. *Diccionario da Língua Portuguesa, Composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, Reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva*, natural do Rio de Janeiro. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira. Anno M.DCC.LXXXIX.p.320.

BIBLIOGRAFIA

BARBOZA, Jeronymo Soares. *Instituições Oratórias de M. Fábio Quintiliano*, Escolhidas dos seus XII Livros, Traduzidas em linguagem e ilustrada com notas críticas, Históricas e Retóricas, para uso dos que aprendem. Coimbra: Na Imprensa Real da Universidade. MDCCLXXXVIII.1788.

_____, Jerônimo Soares. *Instituições Oratórias de M. Fábio Quintiliano*, Escolhidas dos seus XII Livros, Traduzidas em linguagem e ilustradas com notas Críticas, Históricas e Retóricas, para Uso dos que Aprendem. Tomo Segundo. Paris, Na Livraria Portuguesa de J.P. Aillaud, 1836

BLUTEAU, Rafael. *Diccionario da Língua Portuguesa, Composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, Reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva*, natural do Rio de Janeiro. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira. Anno M.DCC.LXXXIX.p.320.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. São Paulo: Edusp. 1996.

FREIRE, Francisco Joseph. [Candido Lusitano] *Arte Poetica ou Regras da Verdadeira Poesia em geral, e de todas as suas especies principaes, tratadas com juizo critico*. Lisboa: na offic. Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, MDCCLIX.

GAMA, Luciana. *A Retórica do Sublime no Caramuru: Poema épico do Descobrimento da Bahia*. São Paulo: Revista USP- Dossiê Brasil Colônia- n57. 2003

HANSEN, João Adolfo. “Ut pictura poesis e verossimilhança na doutrina do conceito no século XVII.” In: VV. AA. *Para Segismundo Spina*. São Paulo: Iluminuras, Fapesp, Edusp, 1995.

_____, João Adolfo. “O Discreto” In: *Libertinos e Libertários*. São Paulo: Minc-Funarte/Companhia das Letras, 1996.

_____, João Adolfo. *Práticas de Representação dos Séculos XVII e XVIII*. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. FFLCH-USP. [sd] Programa do Curso de Pós Graduação.

_____, João Adolfo. *O Nu e a Luz: Cartas Jesuíticas do Brasil (Nóbréga 1549-1558)*. Manuscrito datilografado. [sd]

ITAPARICA, Manuel de Santa Maria. *Descrição da Ilha de Itaparica* de USP. Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro Disponível em: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>. Acesso em: 26/08/2006.

LONGINO (pseudo-). *Tratado do sublime*. Lisboa: Regia off. Typographica, 1771.

MAYANS e Siscar, Gregório. “Rhetórica de Don Gregorio Mayans”, In: *Obras Completas*. Oliva: Ayuntamiento, 1984.

PITA, Rocha. *História da América Portuguesa*. São Paulo: Edusp, 1976.